2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 32. QUINTA FEIRA, 18 DE MARÇO DE 1852. 11. ANNO.

ADVERTENCIA.

Julgamos que existem motivos para reproduzirmos as regras que em os n.os 10.º e 21.º do 8.º anno estabelecemos para regular o direito de propriedade em relação á REVISTA.

« Reservamos para nós o direito de reproduzir toda a parte da REVISTA, que pertence á redacção.

« O direito de reproducção dos artigos dos nossos collaboradores, quando por elles nos não for cedido, só aos referidos collaboradores fica reservado, e que é mister auctorisação sua para se reproduzirem em outros jornaes.

« Protestamos contra qualquer violação de taes principios feita desde esta data; e ante os tribunaes requereremos a justiça que assiste ao nosso direito. »

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

INSTRUMENTOS AGRICOLAS — EXPERIENCIAS PROMOVIDAS POR EL-REI.

A agricultura portugueza, sem nenhum dos meios directos, que a poderiam melhorar, tem feito progressos incontestaveis. Sem capitaes — quasi sem estradas — privada do ensino, e do fomento — a nossa agricultura tem augmentado, melhorado e variado os seus productos. Indirectamente estes notaveis resultados se devem ao acabamento de alguns encargos que pesavam fortemente sobre a propriedade rustica, e mais ainda ao admiravel desenvolvimento da nossa industria fabril.

Nestas circumstancias, é facto digno de se consignar a parte constante que S. M. El-Rei tem tomado nos melhoramentos da nossa agricultura. A El-Rei se deve o estabelecimento agricola — exemplar que existe em Mafra. A justiça e a verdade exigem imperiosamente que se diga — que ao seu real auxilio — ao seu patriotico exemplo se deve o exito feliz que tiveram todas as zelosas diligencias do sr. Ayres de Sá para a nossa exposição agricola.

Estes cuidados de El-Rei pelos trabalhos da terra podem parecer modestos, mas se não ligam o seu nome a um facto tão magestoso como o que fará recordar aos vindouros o nome do principe Alberto — estreitarão cada vez mais os laços do amor com que a nação se lhe tem ligado, e deixarão o seu nome cercado de respeito e bençãos na historia da nossa e sua patria. O amor e a gratidão de um povo valem tanto como a admiração de todos.

A aproximação de dois caracteres respeitaveis, que os laços do sangue unem tanto como os dotes do espirito — e a excellencia das intenções, não tem por fim comparação; mas só serve como de registo a factos honrosos, que da vida privada dos que estão no throno passam para os archivos da historia.

Um destes factos registaremos nós hoje nas paginas da REVISTA.

Fóra da patria um homem digno dos maiores

louvores, se tem mostrado conhecedor de uma das primeiras necessidades da nossa agricultura.

O sr. Geraldo José da Cunha, com a devoção que só póde inspirar o verdadeiro patriotismo, e a generosidade que revela as grandes almas, tem profusamente feito distribuir pelo paiz uma avultadissima e preciosa collecção de sementes. Não contente com tão assignalado serviço, mandou para Portugal uma collecção interessante de alguns dos mais modernos e mais usados instrumentos agricolas. Tendo obtido a descripção delles, hoje a começamos a publicar; mas devemos ao mesmo passo noticiar que El-Rei promovendo a sua experiencia acaba de prestar um poderoso auxilio á nossa agricultura.

Sabbado 13 foram os primeiros trabalhos feitos na presença de El-Rei na tapada da Ajuda, e para que o louvor seja completo e justo devemos accrescentar que até practicamente foram dirigidos por El-Rei. Assistiram alguns de nossos mais intelligentes lavradores. Todos que tiveram a honra de assistir a esta lição practica de agricultura ficaram ainda mais firmes no convencimento de que El-Rei junta a um alto espirito um juiso recto e muito sensato. Se obtivermos noticias do resultado das experiencias que vão continuar, mui gostosamente os communicaremos aos nossos leitores.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

CHARRUAS. — Cada qualidade de terreno exige uma charrua que lhe seja conveniente; mas, havendo nos terrenos tantos matizes como nas côres, e existindo de ordinario grandes differenças em extensão pouco consideravel, não se construem senão tres castas de charruas, que sómente pódem differir em a relha e sobretudo nas aivecas.

A terra forte requer uma charrua mui solida, com a relha comprida e ponteaguda e a aiveca mui recta.

A terra de mediocre qualidade carece de uma charrua com o ferro curto e aivecas mais recurvadas.

Um objecto summamente importante no trabalho das charruas é a fixação da altura do ponto da prisão do tiro ou jugo: muitas vezes uma charrua de bom serviço é reputada má, porque o ponto da prisão do tirante dos cavallos é muito alto ou muito baixo. Cumpre estudar a charrua, passar o gancho para a direita até que a charrua, desembaraçada, não se incline mais para um lado do que para outro, tomando a maior faxa de terreno; e é preciso altear ou abaixar o ponto da prisão até que a charrua, em relação á profundidade em que se quer lavrar, fique bem direita e não tenda a levantar-se para traz ou para diante.

A charrua d'Odeurs para as terras fortes, e a charrua *Flamenga* para as terras mediocres, tem obtido os premios principaes; na verdade são boas e o cultivador deve estudar o seu trabalho.

Charrua de *sobsolo (à sous-sol)* ou *de profundar*. Está reconhecido que a lavoura funda offerece o grande inconveniente de trazer á superficie do chão terra pouco productiva; porém, a lavoura na profundidade de tres quartos a nove decimos de palmo sómente, em terras inferiormente compactas, tem não menores inconvenientes, porque, para certas plantas, não dá a fundura util ás raizes, e deixando ao sobsolo toda a sua dureza, e até augmentando-a, favorece o estacionamento das aguas pluviaes embebidas da superficie. Nos annos chuvosos as raizes estão alagadas, e nos annos seccos, as aguas da chuva evaporam-se rapidamente, ou o terreno em que se dilatam as raizes fica promptamente enxuto.

A charrua *à sous-sol* tem por fim dar á terra a penetrabilidade favoravel a todas as plantas: baixa o nivel das aguas que o sobsolo conserva, e por consequencia se forem prolongados os regos até ás vallas limitrophes, enxugar-se-ha o terreno, deixando sempre ás plantas a humidade que lhes convem, e que ellas procuram nos annos mais estios profundando verticalmente as raizes.

A relha de ferro calçado de aço é a que mais ordinariamente se emprega; servem as outras conforme a natureza do terreno; a mais aguda é destinada ás terras duras.

A alavanca ou mola de ferro serve para levantar as cunhas que mantem as couceiras (*montants*) dos eixos e da relha. Esta charrua emprega-se apoz a charrua ordinaria seguindo o sulco aberto por esta.

Para a charrua *à sous-sol* trabalhar a grande profundidade, póde tirar-se o trem ou jogo trazeiro, mas é então preciso pregar uma chapa de folha de lata por baixo do tirante de pau ou vara do jugo.

EXTIRPADOR. — Depois da lavra dos terrenos de consistencia forte ou mediana, a terra appresenta grande numero de monticulos ou grandes torrões, que muitas vezes se fortalecem com as ruins hervas, é pois necessario submetter a terra á acção do extirpador que entranhando-se no solo, o revolve profundamente, e o amanha, e destroe esses monticulos arrancando as más hervas. As grades que geralmente se usam só obram na superficie da terra; o extirpador póde considerar-se uma grade funda e energica que arranca raizes ás vezes fortissimas. Deve passar-se pela folha de terra nas duas direcções do comprimento e largura.

ROLO ESTORROADOR. — Lavrada a terra, e depois gradada ou amanhada com o extirpador ou scarificador para aplanar os regos e fazer desapparecer parte das ruins hervas e do feno, é mister trabalhar com os rolos ou cylindros.

O rolo estorroador de discos dentados, que é o instrumento mais energico que se conhece, completa o trabalho do extirpador; desfazendo os monticulos e torrões que escaparam á acção deste, destroe os vermes maiores, despega as más hervas, como o escalrraxo, e torna por consequencia mais leve o terreno e mais esbroado; deve seguil-o uma grade de pau, que acaba de limpar o solo. Quando o amanho tem chegado a este ponto, ha de nivelar-se a terra, para que o semeador ache o terreno bem gradado; e para isso servem os rolos.

A utilidade destes instrumentos não se limita a esta operação; servem tambem depois das sementeiras para

consolidar o terreno, calcar as sementes, comprimir sobre ellas a terra que se levanta, e finalmente diminuir a evaporação. Os rolos terão, conforme os terrenos, o peso de 500 a 800 kilogrammas.

Quando o estorroador tem de funccionar, devem tirar-se as rodas deste instrumento; abrem-se na direcção das rodas dois regos por onde se conduz o estorroador, cujos discos repousam então sobre o terreno, o que permitte tirar as chavetas, as rodellas, e as rodas; para o recolher depois, segue-se a marcha inversa.

(Continúa.)

CREDITO PREDIAL.

Uma das mais complicadas e importantes questões das sciencias economicas acaba de ter realisação em França. O credito predial foi reconhecido e organisado por um decreto de 28 de fevereiro. Este acto de alta importancia comprehende 50 artigos. Parece-nos que as suas disposições serão mais justamente avaliadas, considerando-as conjunctamente com os valiosos trabalhos que as precederam. E' o que tentaremos fazer para proveito do nosso paiz, apesar de que em Portugal parece que o impossivel tem estado sempre adiante de tudo quanto não é ou não póde ser politica.

AGRICULTURA EM PORTUGAL PELO SYSTEMA LOMBARDO.

(Continuado do pag. 365.)

ADEGA SUBTERRANEA.

Esta adega subterranea, além de servir perfeitamente para conservar enxuto e são o palacio ducal que lhe fica superiormente edificado, é tambem feita para conservar os vinhos, tanto de inverno como de verão, intactos em temperatura de 10 a 12 de Réaumur.

O vinho conserva-se assim muitissimos annos (em Italia acontece havel-os de 100 annos) sem haver necessidade de lhes misturar aguardente, e de muitas mudanças de vasilhame, cuja repetição lhe faz perder muito o aroma, força e côr. Conservado deste modo o vinho, não tem o agricultor receio da acidulação, e por isso não é obrigado a vendel-o logo depois de fabricado, como aqui acontece muitas vezes, mas póde pelo contrario conserval-o quanto tempo quizer, esperando por preços convenientes, e reservar tambem uma porção para familias delicadas, como se pratica com o vinho de Collares, e servir aos doentes na convalescença, para lhes restituir as forças vitaes atenuadas durante a doença.

Effectivamente, a administração do hospital de Milão possue uma grande adega subterranea para o unico intuito de conservar o vinho e distribuil-o aos doentes em convalescença por ordem dos medicos. Observei que no meu paiz não tendo o vinho aguardente (porque este processo é alli prohibido) o consumo em proporção com a população é muito maior do que aqui. Parece-me pois que se em Portugal se viesse a reconhecer a utilidade de um tal systema de conservação de vinhos, tanto em relação á saude, como ao interesse particular, acresceria a necessidade de se deverem augmentar as vinhas e o consumo, tornando o commercio deste artigo mais activo: sendo este mais um novo meio de conduzir a nação á maior prosperidade.

ABEGOARIA.

A arribana dos bois que se está fazendo, e que está quasi ultimada, contem 42 divisões, com uma casa para o guarda, e o cortador da palha, forno com grande caldeira para aquecer agua para mollificar e dissolver as partes sacharinas da palha de milho e trigo, misturadas com sal commum, que se subministram convenientemente ao gado, juntando-lhes betarabas etc.

Deste modo approveita-se toda, ou para melhor dizer, quasi toda a cana da palha de milho, que fórma duas terças partes desta forragem, e que antigamente se abandonava. O resultado é que o gado nutre-se assim muito bem, adquire força, e engorda mesmo debaixo do trabalho, e obtem-se uma diminuição de despezas com o approveitamento daquella forragem.

O curral é arejado e claro, tendo 12 janellas grandes, canos para o esgotamento das ourinas, que vão para um reservatorio especial, e palheiro com uma grande abertura para entrada e saída das forragens.

Construiu-se exteriormente uma fonte para beber o gado; tem agua que vem do poço da nora, por meio de um cano de chumbo subterraneo. Em distancia do curral ha um reservatorio para recolher os estrumes. Este local tem capacidade para quasi 700 carradas e annexou-se-lhe um deposito que recebe agua encanada como acima, para os banhos de cal, e outras substancias que servem para elaborar e precipitar a fermentação dos estrumes artificiaes, que é objecto de muita importancia, e de utilidade essencial para a agricultura.

Este systema de preparar os estrumes ha já 16 annos que o adoptei, seguindo as instrucções de M. Juffre, e deu-me um optimo resultado, coroando sempre os meus desejos. Fui movido tambem pelas observações de M. Davry que se exprime a esse respeito assim. « O phenomeno da fermentação é indispensavel, para elaborar os principios nutritivos das especies vegetaes. »

O curral, no meu entender, é tudo para os trabalhos agricolas; e quem quizesse dar um justo juiso sobre o estado de prosperidade ou de miseria de uma propriedade agricola qualquer, observe o numero de animaes á manjedoura, e nada mais. Um sabio visitador destes estabelecimentos deixou escripta esta grande verdade.

« Não ha agricultura sem gado, nem boa agricultura sem muito gado. »

DEBULHA DE TRIGO E ARROZ.

A debulha do trigo e do arroz, que de costume se faz aqui em Calhariz, é como tambem na Italia se

executava, do seguinte modo: — chegam os molhos do campo á eira já promptos; os homens os descarregam, e ao mesmo tempo desatam o atilho e fazem passar o molho a outro homem, o qual os estende successivamente, de maneira que a espiga fique toda em linha, e exposta ao sol, collocando-os gradualmente um depois do outro, e quando acaba uma linha principia outra, passando o camponez por cima da primeira palha, e pondo as espigas dos outros molhos perto das primeiras, assim fazendo até que cubra toda a eira, de modo que se não vejam senão espigas. Feita esta operação, trabalham os trilhos atados aos carros, e puchados por cavallos, ou bois; quando se vê que ficaram quasi batidos, viram-se, fazendo saltar a palha, trocando a direcção ás espigas, por exemplo, se antes estavam voltadas para o norte, devem ficar viradas para o sul. Depois continua-se a debulha.

Com este systema obtem-se duas vantagens — 1.ª Que as espigas sentindo todas a acção do sol, com muita mais facilidade abandonam o trigo. — 2.ª Que com muita mais brevidade de tempo, tem o seu calcadouro feito, porque as espigas estando em immediato contacto com o chão sentem a impressão dos trilhos e do pizo dos pés dos bois, ou cavallos. E outra vantagem é que muito menos se estafa o gado, por não ser a palha muito alta.

ESTRADAS DE NOVO SYSTEMA.

Uma propriedade rural de nova plantação, exige absolutamente uma rede de estradas judiciosamente dirigidas, para abreviar o curso da communicação dos campos, devendo-se evitar quanto é possivel os rapidos declives e contra-declives, para menor cançaço do gado destinado a carregar, e descarregar os productos dos mesmos campos. Fez-se isto empregando um novo systema de construcção de caminhos, o qual em logar de absorver a despeza unicamente parcial da factura, torna-se lucrativo.

Effectivamente com uma só operação, e uma só despeza obtiveram-se quatro importantissimas vantagens do seguinte modo: — traçadas em primeiro logar as linhas para os caminhos, fizeram-se duas vallas lateraes, lançando a terra no meio, e formando com esta o abaúlamento que constitue a estrada com os seus desaguadoiros aos lados. Encheram-se depois as duas vallas lateraes com terra do solo, mattos, e arbustos, tirados da comprida zona de terreno contiguo, usando de enxada, auxiliada por uma charrua primitiva, servindo assim de alimento ás plantações já feitas de amoreiras.

Com este processo alcança-se uma segunda vantagem que resulta de poupar-se nessas plantações consideravel quantidade de estrume, que alias havia de empregar-se com desembolso de não pequena despeza. Reforça-se em seguida a plantação, e a porção de terreno que foi privado de terra, por meio da cultivação que logo se dá ao campo com duas lavoiras e competentes adubos. Desta simples operação, e por si mesma, se deduzem as quatro consideraveis vantagens promettidas, visto que a plantação se devia fazer: porquanto abriram-se os fossos, e não se fecharam com a mesma terra, como se faz commummente. Usando pois dos systemas acima expostos vem-se a obter:

1.º Estradas direitas e curtas e campos regulares em suas direcções lateraes.

2.º Plantações de grande extensão e bem reguladas.

3.º Economia (como se disse) de adubos.

4.º Defeza dos campos, contra os damnos do gado.

Posso tambem accrescentar quinta vantagem, isto é, o bello e agradavel aspecto das propriedades, (notando-se bem que isto não causou despeza, porque é uma consequencia natural do systema adoptado) isto é, a certeza e conveniencia das linhas traçadas.

(Continúa.)

EMIGRAÇÃO.

Fazem-nos justiça os nossos bons irmãos do Brazil, os que não deixam de ser portuguezes em terra estranha, quando nos contam como alistado na cruzada, que a civilisação em Portugal deve propagar contra a emigração. Estamos de coração votados a essa cruzada, e a REVISTA a propaga ha muitos annos.

Hoje um brado mais forte do que todos achará écho em nossas paginas.

A *Nação* no seu numero de 15 do corrente reproduz um curioso mappa publicado pela *União*, no Rio de Janeiro, no qual se contém com a designação das procedencias a estatistica da emigração, isto é, da que se fez com passaporte, desde 1828 até 1851, e entrada pela barra do Rio de Janeiro.

Desta estatistica resulta que tal emigração foi em

1828	283
1829	309
1830	570
1831	376
1832	1
1833	19
1834	187
1835	1:737
1836	3:151
1837	3:085
1838	2:511
1839	1:050
1840	1:111
1841	1:376
1842	2:660
1843	3:541
1844	3:176
1845	3:038
1846	2:630
1847	3:721
1848	2:521
1849	3:764
1850	3:853
1851	5:816
Somma	50:486

Olhae para este quadro terrivel — vêde a progressão espantosa da emigração, e dizei-nos se ha brado mais forte contra as desgraças, e as miserias desta terra, do que essa cifra de 50 mil homens, tirados

em 24 annos ao trabalho nacional, e ao consumo dos seus productos.

Total cegueira será a que não vir como ao deficit permanente, e accumulado dos recursos da renda do Estado, se junta o deficit permanente accumulado dos braços que o trabalho pede para civilisar este pobre Portugal, nobre enjeitado da civilisação moderna, que dorme o somno da indolencia sobre o escudo glorioso, em que vai apagando os altos feitos de seus maiores. Dormi que morreis. Senão seguirmos as outras nações da Europa no caminho do governo dos interesses economicos, o futuro verá com espanto e pesar que o historiador só póde cravar nas cinzas o estandarte portuguez, symbolo da mais gloriosa independencia, e das mais corajosas e santas crenças.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

(Continuado de pag. 367.)

Pensa o Argos que os portuguezes que habitam o Brazil, com rarissimas e honrosas excepções são o refugio, as fezes, tudo quanto de mais impuro encerra a sociedade portugueza; e affirma que os antepassados dos brazileiros são os caboclos, os pretos africanos, e os labregos portuguezes, ou aquelle refugo, aquellas fezes. Bem podia o Argos temer que alguem lhe applicasse o texto sagrado — tal arvore, tal fructo — mas eu não quero retribuir com invectivas.

Escolha pois o Argos para si a ascendencia que lhe agradar. Essa ascendencia a mim he-me indifferente, até por não ignorar como elle que cada um póde ser o primeiro da sua familia, como Napoleão de si dizia.

O que sei é que não sou, nem a portuguez algum convém ser, dos seus exceptuados. Estes são sem duvida os que elle julga que defendem as doutrinas que propala, ou que pelo menos sympathisam com ellas; mas a esses denomina o Estandarte — cabilda infame, grupo isolado que insulta a população, que quer dominar a provincia, que ataca a segurança individual com o punhal, e o bacamarte etc. etc. — Ora eu não estou resolvido a ser cabilda, nem fezes.

Seria de grande conveniencia que os illustres campeões dos diversos partidos, de commum accordo, definissem o que neste paiz se deve entender por honra e virtude, traçando bem claramente aos portuguezes a posição em que se devem collocar, para que as rarissimas excepções do Argos não sejam a cabilda infame do Estandarte; nem os escolhidos deste o refugo, as fezes, a gente má daquelle. Em quanto isto se não fizer, elles não terão remedio senão continuar a ser a tabella por onde cada um busque triumphar nas lides eleitoraes.

O abbade de Sieyès dizia na assembléa constituinte — Quereis ser livres, e não sabeis ser justos: — meditem os escriptores politicos, que nos aggridem com accusações vagas e infundadas, nesta censura, e conhecerão que a verdadeira liberdade não póde subsistir sem que a boa moral lhe sirva de base. Mas, será boa moral azedar incessantemente, e sem motivo algum, as paixões populares contra estrangeiros, muitos dos quaes são parentes dos mesmos que os insultam, os maridos de suas irmãs, os paes de não poucos dos seus compatriotas? Será boa moral injuriar, e comprometter a segurança do estrangeiro que trabalha, e que em geral deixa no paiz e a brazileiros o producto do seu trabalho? Será boa moral accusar todos os portuguezes pelos crimes de alguns, como se os bons fossem solidarios do procedimento dos maus? Será digno do homem generoso atacar o estrangeiro só porque pertence a uma nação que não conta duzentos navios de guerra para defendel-o. Emfim será digno do homem generoso e de coragem desfeitear a cada instante o estrangeiro inerme e pacifico? Será; mas todo o homem honrado entende como Camões que

« É fraqueza entre ovelhas ser leão. »

Talvez nos clamem, como de outras vezes, que se não nos serve este tratamento nos retiremos. Mas similhante resposta, que optimamente quadra á Malagueta, á Voz do Bacanga, e outros eguaes papeluxos, não seria digna de cavalheiros que pretendem ser os grandes archotes da civilisação da sua terra, e regular-lhe os destinos. Um paiz quasi despovoado, que á custa de enormes sacrificios manda frequentemente vir colonos da Europa, sujeitando-se a perder as sommas nisso despendidas, como já lhe tem acontecido, não póde, sem perder o sizo, dizer a homens que nada lhe custam, e que para o thesouro pagam importantes contribuições; ide-vos embora, se não quereis que injustamente vos ultrajemos.

Mas, ainda prescindindo da necessidade de não diminuir a população e as riquezas, para não succeder ao Brazil, como no seculo XIV aconteceu a Portugal com a emigração dos judeus, a vossa politica mesmo aconselha-vos a que não expulseis os portuguezes. Se elles se retirassem, aonde irieis achar combustivel para accender os animos da plebe! Contra inglezes e francezes bem sabeis que não se falla com tanta liberdade: viriam ahi por nada visitar-vos algumas naus francezas e inglezas, como ainda ha pouco visitaram o Tibre e Porto Pireo.

Os individuos das outras nações, ao menos cá para o norte, são tão raros, que não dariam materia para meia duzia de columnas.

Quer o *Argos* que a quasi totalidade dos portuguezes emigrados para o Brazil pertença á classe mais pobre e ignorante, isto é, ao que chama o refugo, as fezes da nação; e com tudo a pobreza e a ignorancia nunca foram synonimos de refugo e de fezes.

Por fezes de uma nação entendo eu a sua parte mais depravada; aquella porção em cujo patrimonio commumente entra a ignorancia, mas ignorancia acompanhada dos mais asquerosos vicios e crimes. Homens ha que são fezes de uma nação, bem que não sejam ignorantes; mas a labregada, a parte mais util de cada povo, a que lavra e cava para os nobres, para os sabios, para os militares, e para outros comerem, bem que ignorante, não merece tão ignominioso epitheto.

Se o nascer para lavrar e cavar, isto é, para la-

brego, basta para ser fez da sociedade, as nações são especialmente compostas de fezes; e mais preciosas são estas do que a parte sã. Poder-se-ia viver sem nobres, sabios, gazeteiros, doutores etc. etc., mas não se vive sem agricultura, industria e commercio, e bem se sabe que aquellas classes não sulcam os campos, não fazem soar a bigorna, não cavam nas minas, nem marinham os navios. O Brazil não podia desconhecer esta verdade, e tanto a reconhece que se esforça por importar da Alemanha muitos labregos. Creio que o Argos acreditará que entre os colonos alemães não vem os homens ricos, sabios ou nobres. O que vem é gente boa e má, a mais estupida, assim como a mais pobre, quero dizer os labregos, ou a gente de que este paiz mais carece.

Se o imperio tivera bastantes destas fezes escusaria de as mandar buscar á custa de muito dinheiro; escusaria de comprar soldados em terra estranha; teria marinhagem para a sua marinha de guerra e mercante, e ha muito que teria acabado com a servidão. Eu sei que o interior do Brazil possue alguns braços que podiam trabalhar, mas de que serve isso se elles aborrecem o trabalho, ou delle não carecem para viver?

Rapazes nascidos longe dos principaes focos da corrupção, as cidades, creados ao pé da rabiça do arado, da enxada; precisando de trabalhar para ganhar o pão quotidiano desde que souberam andar; rapazes que não tiveram tempo nem meios de se desmoralisar, geralmente fallando são os que Portugal, apezar seu, exporta para o Brazil, e os que este mais devera apreciar. Costumados desde o nascer ás privações, desconhecendo todas as superfluidades, apenas começam a adquirir, tambem começam a economisar. Os fructos do seu trabalho, e economia cedo principiam a luzir na caza que compram ou edificam. D'ahi a terem descendencia legitima, ou illegitima, que lhes herde os bens, não vae muito, e assim quasi todo o suor destes homens despende-se a favor dos brazileiros. Se achaes que minto, interrogai o passado e o presente.

Não destroe o que acabo de escrever a volta ao seu paiz natal de alguns adoptivos, ou portuguezes ricos com seus cabedaes. Esses homens, salvas pouquissimas excepções, retiram-se porque os obrigam. Chegados ao Brazil na adolescencia, ou antes della; tendo adquirido nelle tudo o que possuem, assim como affeições e habitos, pela maior parte não conhecendo ninguem na terra em que nasceram, se esses homens se mudam não é por seu gosto. Como porém não são insensiveis aos insultos, e temem que a populaça exaltada pelos partidos realise as suas ameaças, o que como se sabe não é caso virgem, tratam de ir gosar as suas riquezas aonde ninguem os moleste. Reparae bem que é sempre nas proximidades das grandes crises, e durante ellas, que estas emigrações se tornam mais numerosas. São, pois, as revoltas, e os excessos inherentes a ellas, quem deste paiz tem afugentado capitaes, que de outro modo se teriam empregado nessas emprezas que ao corpo social dão vida e alento. É notorio que em toda a parte os capitalistas são mui medrosos, e que apenas lá no horisonte politico assoma algum indicio de tormenta, fecham os cofres e fogem. Cumpre com tudo lembrar que os portuguezes ricos, que abandonam o Brazil para sempre, são apenas excepções; em quanto os outros estrangeiros, apesar de mais respeitados, só por excepção ficam nelle. Olhae para o Maranhão.

É pois com a maior injustiça que o *Argos* declama contra os portuguezes, e a todos chama refugo e fezes. Esses portuguezes em geral sahiram das classes mais ignorantes e pobres da nação, mas não das mais desmoralisadas e corrompidas, Quando a virtude se vê corrida e açoitada pelos vicios das grandes povoações, refugia-se nos campos: é no casebre do pobre, aonde quem a buscar mais facilmente a encontrará do que na casa do nobre e do rico. Com isto não quero dizer que não haja muita gente rica e nobre honradissima, nem que nos campos tudo seja probidade.

Perguntae aos americanos inglezes se chamam refugo e fezes a esses milhares de miseraveis que da Irlanda e de toda a Europa annualmente vão buscar asylo e trabalho nos Estados-Unidos? Responder-vos-hão que de boamente receberão quantas fezes dessa qualidade quizerem ir fertilisar o seu solo, e fallar-vos-hão a verdade; porque essas fezes fazem-lho medrar espantosamente, e a ponto de talvez um dia ameaçar a independencia dos outros estados americanos que não sabem adquiril-as e conserval-as.

Talvez digaes que os que emigram para os Estados-Unidos se entregam á vida agricola, arroteiam os campos, e dão á agricultura grande incremento. em quanto os portuguezes no Brazil sómente se dedicam ao commercio; mas neste caso tambem deveis dizer as causas da differença. O europeu que vai viver nos Estados-Unidos dá-se ao commercio, ou á cultura da terra, conforme as vantagens que um ou outro meio de vida lhe offerece. Se nasceu em paiz frio acha-se em outro paiz frio aonde encontra braços livres que o ajudem a revolver a terra sem nisso despender grande cabedal. Além disto trabalha com segurança, ou sem ver a cada instante ameaçada a sua vida, e a sua propriedade. Em fim ninguem o insulta, e todos o protegem. Mas, porventura, é esta a posição do trabalhador portuguez quando aqui aporta? Certamente não. Esse trabalhador logo sabe que extremamente convém á sua segurança não se afastar do littoral, ou dos grandes rios; e eis ahi já uma causa de grande peso para preferir o commercio a toda outra profissão. Supponha-se, porém, que elle encara com resignação e ousadia os perigos do sertão, com que meios ahi levantará um estabelecimento de lavoira? Para isso é mister possuir terras e braços, mas elle não tem meios para comprar nem uma nem outra coisa. Forçoso lhe é consequentemente seguir a profissão mais apropriada ás suas circumstancias, e ei-lo no commercio aonde para principiar lhe basta fazer-se caixeiro. Todos os brazileiros sabem quão custosa é na sua terra a vida agricola, e as grandes sommas que exige qualquer fazendinha. O homem que para roçar, semear, e colher não contar senão com os seus braços, talvez arranjará farinha e arroz para todos os dias, mas nunca dahi passará; comtudo, todo o estrangeiro aspira a mais do que isso. Em summa, elle sempre no Brazil preferirá a vida commercial á do lavrador em quanto aquella lhe offerecer menos obstaculos e riscos, além de mais vantagens. Removei esses obstaculos, esses riscos, essas desvantagens, e a agricultura prosperará. *(Continúa.)*

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XX.

SUA ALTEZA O INFANTE D. FRANCISCO!

D. Pedro, depois de entrar na salla do docel, e de dizer em alta voz ao conde de Villar Maior, Fernão Telles da Silva, o que ouvimos no capitulo antecedente, voltou á casa do « Estrado » aonde o ficaram esperando o principe real, o duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira, e Diogo de Mendonça, o qual, simples secretario das mercês, não tinha entrada no conselho de estado; apresentando-se, porém, apenas viu que acabara. S. magestade foi direito á sua poltrona, deu algumas ordens ao camarista de semana, e lançando a s. alteza real um olhar perscrutador, enterrou-se com certa complacencia na sua cadeira, e dando a mão a beijar ao filho disse com auctoridade:

— « Pódes recolher-te; mas fica certo, João. O dito, dito! »

— « Deus melhore a preciosa saude de v. magestade! » — respondeu s. alteza com um sorriso, que era mais do que uma repulsa, porque chegava a ser um desafio.

Apenas saíu o principe, el-rei virando-se para o duque de Cadaval, com agrado, exclamou:

— « Duque; os rapazes de agora são peiores que os do nosso tempo! Tem sido uma campanha para obrigar João a ter juiso. Veja se o duque D. Jaime nos ajuda. Meu filho ouve-o. »

— « Faz-lhe essa honra, meu senhor... mas v. magestade permitte? S. alteza é muito parecido a sua augusta avó, a sr.ª D. Luiza de Gusmão, se ouve a todos, não se guia senão por si. »

— « Bem sei. João é teimoso, e isso é o meu desgosto. Aonde está o infante? »

— « Haverá minutos vi a s. alteza conversando na salla do docel com o padre confessor e o conde de S. João. »

— « Ah! Diga-me, duque: ha algum segredo para achar dinheiro? Diogo de Mendonça, que nos corre com o armamento da guerra, sustenta que navios e soldados temos nós, agora com que os armar!... »

— É a difficuldade? » — acudiu o duque sorrindo-se. « No tempo d'el-rei D. João IV, de saudosa memoria, não se esteve melhor, e chegou a rainha D. Luiza, minha senhora, a empenhar todas as joias... »

— « Mas as decimas, duque. Deus me perdoe, mas suspeito que as decimas são comidas no caminho. Vejo os contadores muito gordos, e tudo quanto é meu tão magro que faz dó. »

Diogo de Mendonça riu-se com a metade do rosto que olhava para o duque, e fez uma contorsão lacrimosa com a outra, que estava exposta ao regio exame. O duque tomava liberdades de velho, e tinha um genio forte. Por isso apanhou a luva no ar e respondeu logo.

— « Quer v. magestade que eu explique, porque a decima rende pouco e o reino emmagrece quando os cobradores engordam? »

— « Diga! »

— « Saberá el-rei que isto não é meu; é de um homem que está no real desagrado, mas que não deixa de ser de conselho, muito sabio, e bom portuguez? »

— « Quem? »

— « Luiz de Vasconcellos e Sousa, conde de Castello Melhor, e secretario da puridade que foi do sr. D. Affonso.

— « Ah!... » — clamou el-rei, dando um pulo na cadeira cemo se o mordesse uma vibora, e conglobando na sua interjeição o odio e as luctas de muitos annos.

— « Posso continuar? » — perguntou o duque, affrontando com dignidade a repentina alteração, que apparecia no semblante de Pedro II.

— « Continue! »

— « Luiz de Vasconcellos, que nos governou com sabedoria, e que eu me não consolarei de ter ajudado a derribar — perdoe v. magestade, é o que sinto! — já estava no conselho de estado quando s. magestade a rainha mãe se queixou um dia do mesmo que el-rei acabava de dizer. O conde tem um modo de sorrir que é só delle; do seu modo de fallar e conversar só observarei que os proprios inimigos gostam. »

— « O duque por exemplo? » — interrompeu D. Pedro com ironia.

— « É verdade! Não torna cá tão cedo ministro como elle: os seus successores é que o fizeram bom... Nem vejo capaz de o supprir senão este, e havia de ser menos paceiro e mais aberto. »

Diogo de Mendonça, para quem era o sobscripto, fez uma cortezia muito séria ao duque e el-rei desatou a rir.

— « Vamos ás decimas, duque! — exclamou

o monarcha. — « Olhe, estamos a muitas legoas dellas... »

— « Já vou, senhor! Desculpe v. magestade; são achaques da idade. Os velhos tem estas impertinencias, e no capitulo das historias do seu tempo ainda mais... Como disse, a rainha mãe queixou-se e Luiz de Vasconcellos sorriu-se. Ora s. magestade, hespanhola e muito viva, como el-rei sabe, não gostou, e levou o caso a mal. O Castello Melhor era ainda rapaz, e ninguem lhe fazia a experiencia que ao depois mostrou: era natural que a rainha se enganasse com elle. Para o confundir s. magestade exclamou:

— « Ri-se, conde? Melhor seria que nos dissesse o modo de acudirmos a tamanho erro. »

— « Se v. magestade ordena! » — respondeu elle muito sereno. »

— « Diga! »

— « V. magestade permitte-me um apologo? »

— « O que quizer! »

— « Luiz de Vasconcellos tirou de cima do bofete o areeiros e vasou a areia nas mãos. — « Aqui está — disse elle — isto é o que o reino paga! » Fez correr depois a are.. de mão para mão: quando chegou ás da rainha vinha na terça parte. » — E aqui está o que v. magestade recebe! » — concluiu por fim.

— « Explique-se! » — observou a sr.ª D. Luiza meia suspensa.

— « É facil, minha senhora! A areia foi-se pegando ás mãos; e como passou por muitas, não se admire v. magestade se a maior parte ficou pelo caminho. O mesmo succede ás decimas; a prata e o oiro ainda se pegam mais, e por isso resta apenas o que v. magestade vê! São tantos a contar e tantos a arrecadar que ainda é milagre o dinheiro que nos deixam! »

A rainha ficou pensativa; e desde esse dia attendeu mais o Castello Melhor, apesar de pouco engraçar com elle. Eu digo hoje a el-rei o mesmo; e acrescento de minha casa: — appliquemos a fabula, senhor! e ver-se-ha que ella é boa, e a moralidade certa. »

— « A resposta foi engenhosa. Mas não me disseram que o conde estava cego? » — observou el-rei.

— « Ainda não. Vê bastante para servir el-rei até no conselho de estado, se o chamarem... »

— « Bem!.. Appareça mais vezes, duque. Faz sempre muito boa companhia. Então?.. »

— « Bejo a mão a v. magestade e tomo as suas ordens. »

— « O duque tem graça e discrição! — reflectiu el-rei assim que o velho fidalgo se ausentou — demais gosto da sua franqueza... Diogo de Mendonça, tu que foste poeta, e desconfio que ainda o sejas ás escondidas, a que o comparavas? »

— « A um mealheiro antigo aberto no fim de muitos seculos. »

— « A rasão? »

— « Porque tem moedas raras, oiro fino, mas infelizmente com ellas ninguem póde acertar as contas... Não parece o mesmo a v. magestade? »

— « Achas então, que não corria? »

— « Os cunhos são antigos de mais, senhor! »

— « E apesar disso tem juiso, e é de bom conselho... Que despropositadas gargalhadas são aquellas? »

— « É s. alteza serenissima com o padre confessor e o conde de S. João » — respondeu o secretario das mercês, que fôra á porta e voltava encolhendo os hombros.

— « Porque ri tão alto s. alteza? »

— « Ignoro, mas é facil saber-se. O sr. infante tem a falla tão forte, que prestando attenção, v. magestade ouve. »

— « Os cabreiros — dizia o infante — estavam no chão á roda; a fogueira a arder: e a malga cheia de assorda no meio. Rabeando com fome, cheguei-me, e os villões julgam que se levantaram? Pedi-lhes agasalho e por muito favor disseram: — assente-se e coma do que houver. — Mas não ha culher? — cortaram logo um canto de broa, vasou-se por dentro á ponta da navalha, e deram-m'o, espetado em um caniço, berrando: — não se esqueça de a roer depois! — Riram-se da graça; e eu de rastos pelo chão fui obrigado a tirar da gamella atraz do maioral, nem mais nem menos do que se fosse um mendigo, ou um guardador de porcos. »

— « Coitada da pobre gente — acudiu o confessor — se elles soubessem que era v. alteza!... Assim mesmo deram o que tinham... »

— « Espere! Mas olhe que os ensinei. Acabada a ceia appareceu o meu veador e os creados do monte; viram-me, e nomearam-me. Então é que, sabendo que era o infante, os cabreiros se pozeram de joelhos e mãos postas... a boas horas! »

— « E v. alteza, mandou-lhes signaes da sua grandeza? » — interrompeu o conde de S. João.

— « Oh! pois não! virei-me para elles muito risonho, e disse-lhes: meus amigos foi o ajuste comer cada um a sua culher. Eu vou roer a mi-

nha, hão de roer as suas... Ora as culheres delles, eram... não advinham!..» — gritou o infante rindo como um perdido.

— «De pão?» — disseram o jesuita e o conde.

— «De chiffre!» — concluiu s. alteza com estrondosas risadas.

— «E elles?» — perguntaram os dois.

— «Roeram-nas! E se o veador não pedisse, ainda em cima mandava-os para a cadêa.»

O confessor e o conde olharam um para o outro. Esta graça do infante esfriou muito o zelo de ambos pelo seu serviço.

— «Ah, Diogo de Mendonça — dizia el-rei, ao mesmo tempo, corando muito — haverá castigo igual ao que Deus me deu com este filho? Informa-te amanhã, e manda recompensar essa pobre gente...»

— «Perdoe v. alteza! — disse o confessor, apenas o riso do infante lhe permittiu fallar — El-rei D. João IV, seu avô, uma vez andando á caça perdeu-se tambem e foi dar a um rancho, que repartiu com elle da sua pobreza. Sómente no fim, é que se deu a conhecer pelas provas da real munificencia; e rogam-se mil bens ainda a s. magestade pela esmola que deixou. Parece-me que este exemplo...»

— «Padre confessor, sabe que me disseram hontem uma cousa a seu respeito?» — interrompeu o infante dando piparotes nas orelhas, e pondo-as côr de cereja.

— «O que é meu senhor?» — perguntou innocentemente o religioso.

— «Que v. reverendissima era de Braga, e devia andar de braga ao pé.»

— «Sr. infante!» — clamou o padre.

— «Ainda mais, espere! — proseguiu s. alteza, piscando os olhos ao conde de S. João. — Disseram-me, que duas raparigas como duas estrellas...»

— «São sobrinhas!» — gritou s. reverendissima.

— «Deus o sabe!» — respondeu o serenissimo algoz, fazendo tregeitos acompanhados de risadas, que valiam por um libello famoso.

— «O que a v. alteza vale!..» — disse o jesuita convulso e côr de betarraba.

— «Não se arrenegue, padre mestre. Sei muita coisa ainda!.. E por signal as dotou em vinte mil cruzados cada uma, do dinheiro que os inglezes lhe deram para enganar meu pae.»

O confessor passou de repente de rubro a côr de cré, e foi-lhe preciso segurar-se á janella para não cahir redondamente. Afflicto e vexado, o conde de S. João amparava o religioso, que sentia chiar os miolos na cabeça como elle depois disse. Uma apoplexia pairava sobre a rotunda personagem: o conde, indignado, entendeu que por honra sua devia interpor-se e acabar com esta scena.

— «Repare, v. alteza! s. reverendissima é confessor de el-rei e não é de suppor que s. magestade leve a bem graças tão pesadas...»

O infante disparou na cara do fidalgo a gargalhada mais insolente; e recorrendo ao ordinario estrebilho principiou a beliscar as costas da mão, dizendo alto; — «Joanico, Joanico quem te deu tamanho bico?»

Em um momento fez-se de mil cores o conde. Violento e cholerico mordeu os beiços com tanta raiva, que espirrou o sangue delles. Ao mesmo tempo, medindo o principe de alto a baixo, dizia-lhe em voz presa de furor:

— «Agradeça v. alteza a Deus a minha paciencia! Se não fosse quem é e eu respeitasse menos el-rei...»

— «Matava-me o *José das bottas!*» — gritou o sr. D. Francisco, fazendo tourinha do velho militar, e contrafazendo-lhe os gestos em ridiculas momices.

A allusão resumia para o conde todas as injurias. Na campanha de 1704, sendo general accusaram-no de não saber aproveitar a occasião, perdendo-se por sua culpa Alcantara e Badajoz, que nos podiam cahir na mão. Em um pasquim affixado na sua barraca, escrevera um difamador que a causa da inacção foram as botas de sete leguas do illustre general.

Effectivamente sua senhoria era achacado de gota e as enormes botas pareciam duas torres.

O primeiro movimento, vendo-se maltractado, foi deitar-se a perder, lythographando a cabeça do insolente no tacão das botas alludidas; o segundo, mais prudente, reduziu-se a intrincheirar-se na dignidade do homem calumniado:

— «V. alteza decora bem os pasquins dos meus inimigos! — disse com amargura. — Veremos se é do agrado de el-rei que os creados da sua casa estejam expostos a ouvir coisas, que fóra do paço e em outra bocca teriam exemplar castigo. Conte v. alteza que hei de informar a s. magestade.»

— «Olhe, conde, e não se esqueça: diga-lhe mais que já raspou da cara a bofetada do almirante de Castella. Parece que ainda a tem inchada.»

O fidalgo soltou um rugido, e tirou meia es-

pada. Esta segunda affronta era peior; e alludia á voz de traidor que o almirante lhe dera em Estremoz, e á correcção instantanea applicada pelo conde á face do castelhano, donde resultou a este cahir immediatamente com uma apoplexia, de que expirou horas depois. O infante transtornava; mas assim mesmo o punhal entrou até ás guardas.

— « Não me tente v. alteza! » — gritou elle.

— « Conde de S. João — disse el-rei, apparecendo de repente com semblante severo — condusa s. alteza serenissima, debaixo de prisão, á Corte Real. O conde responde-me por elle até segunda ordem. Infante D. Francisco, peça perdão ao padre confessor e ao conde de S. João do seu atrevimento. . . »

— « Não quero pedir perdão. . . » — gritou o infante em altos gritos.

— « Hades pedir, que mando eu, e agora de joelhos. . . — exclamou el-rei, pondo-lhe as mãos nos hombros com tanta força, que o fez cahir de bruços. — Falla, ou pelo sangue de Jesus Christo esqueço-me de quem sou! O conde acompanha-te. Toma sentido! Se te escapar a menor palavra ou a menor acção de offensa, hoje mesmo vaes dormir á Torre. Sou eu que t'o prometto. Sahe! . . »

El-rei, muito pallido, recolheu-se depois; e o infante, rasgando o lenço entre os dentes, partiu a correr adiante do conde de S. João, que a custo o poude seguir de longe,

D. Pedro virou-se com um grande suspiro para o seu confessor e para o secretario das mercês, exclamando com a eloquencia da tristeza, mais nos olhos e no rosto do que nas palavras:

— « Estes filhos! . . »

Os dois sinceramente commovidos inclinaram-se com respeito diante da dor do pai, e da confusão do rei.

D. Pedro calou-se; o seu coração já não podia com as ancias. Tambem os conselheiros não diziam nada; porque, um silencio assim não ousa ninguem rompel-o senão para reanimar a esperança, e alli não era possivel introduzil-a. Passados alguns minutos, D. Pedro levantou lentamente as palpebras, que tinha baixas, para esconder talvez as lagrimas, e pondo os olhos no crucifixo, exclamou com as mãos erguidas e grande paixão no gesto:

— « Acceitai esta coroa de espinhos, senhor; e possa ella resgatar-me perante a vossa justiça! »

— « Amen! » — respondeu o padre confessor.

S. reverendíssima ia espairecendo á medida que a real consciencia escurecia. Medico da alma, sabia que esta precisava delle para adormecer, como as vigilias do opio para socegarem. O seu predominio nunca estava tão seguro, como nas horas de deliquio, em que o espirito do principe, quebrantado e timorato, vinha abraçar-se á cruz do Salvador, pedindo-lhe paz e esquecimento. Nestas occasiões, o padre Sebastião, abrindo com as promessas divinas as portas do céu, tinha a certeza de obter da fraqueza do penitente quantas concessões desejasse extorquir-lhe.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXIII.

A TROVOADA.

(Continuado de pag. 371.)

El-rei seguiu a bruxa, que continuava na sua andadura incerta, saltitante, convulsiva, a aproximar-se de Salvaterra. Quando chegaram a um logar onde os não allumiava já o clarão da fogueira dos ciganos, Zaida parou outra vez, apagou o facho que levava na agua da chuva empoçada no chão, e, dizendo a Affonso VI que se apeasse e a seguisse em silencio, prescripções a que elle se sujeitou sem contestar, aproximou-se vagarosamente de uma casa terrea de que mal se percebia o contorno irregular no fundo tenebroso do ceu.

Pegando da mão de El-rei, e recommendando-lhe com breve e imperioso tom que escutasse, Zaida chegou-se a uma porta, cujas fendas estreitas não deixavam perceber nada do que se passava no interior da casa. Então Sua Magestade ouviu uma voz de mulher, que dizia com suavissima ternura:

— Se me visse apartada de ti, para não mais te vêr, morria de saudades; ou matava-me para não padecer com ellas:

E confrangeu-se-lhe o corpo todo, como se houvessem despedido sobre elle uma forte descarga electrica. A voz que dizia aquellas meigas palavras era a voz da Calcanhares.

— Quero. . . — bradou El-rei soffocado.

A voz callou-se, mal El-rei soltou este brado.

— Calle-se — murmurou a bruxa pondo-lhe a mão na bocca. — Olhe V. M., e veja — proseguiu ella, affastando com esforço uma das ta-

boas da porta que, mal segura, deu algum tanto de si.

Affonso VI olhou pela fenda que se abrira, e viu no meio da casa, de pé, n'uma posição em que se deixava perceber a anciedade, o susto, o pavor; com os braços enlaçados, as cabeças pallidas reclinadas uma para a outra, Francisco d'Albuquerque e a formosa Margarida. El-rei ia para gritar, mas a voz affogou-se-lhe na garganta, ia para arrombar a porta mas faltaram-lhe as forças para se mover. Este instante de immobilidade e silencio foi bastante para desaparecer como por encanto aquella visão, graciosa para um pintor que a admirasse com olhos de artista, horrivel para El-rei, que a via com olhos de cioso. A casa ficou em profundas trevas, e El-rei nada mais ouviu senão a voz de Zaida, que lhe segredava ao ouvido:

— Não ouve o galope surdo de um cavallo na terra molhada? São elles que fogem.

Tornou então a si o raivoso monarca; e pozse a bradar, e a bater, como um possesso, com o punho da espada na porta da arruinada casa.

Acodiram então logo alli alguns dos criados do paço que andavam pelo campo em busca de El-rei; mas antes delles, appareceu o conde de Castello-Melhor a pé, e com a espada núa na mão.

— Que quer V. M.; que tem, meu real senhor? — perguntou o valido, ao chegar proximo do rei. — Todos estavamos assustados, afflictos por esta ausencia...

— Persegue-os. Vê se ainda os pódes agarrar — clamou D. Affonso.

— A quem, a quem manda V. M. que eu persiga?

— A elles. Estavam aqui nesta casa; Margarida e...

— E quem, meu senhor?

— E o Albuquerque, o criado do infante.

— Esse morreu. Não sabe V. M. que o mataram; e que me accusam a mim, accusação injusta como tantas outras, de o ter mandado matar.

— Então... — accudiu El-rei com pasmo.

— Foi uma illusão que V. M. teve. Desta casa não saiu ninguem, posso affirmal-o a V. M. Eu venho de Salvaterra e não vi ninguem.

Ordenando então a alguns dos criados do paço, que tinham accudido com archotes acesos, que cercassem a casa, e a outros que lhe arrombassem as portas, o conde mostrou a El-rei que ella estava inteiramente inhabitada.

— Foi esta bruxa maldita que enganou a V. M. — disse o valido, depois de ter explorado com D. Affonso todos os cantos da arruinada casa.

— Foi? Seria talvez... — murmurou El-rei perplexo.

— Estas bruxas para tudo tem artes; até para invocarem a sombra dos mortos, como esta fez agora. Mas ella dará na santa inquisição conta dos seus crimes, e do pacto que tem com o demonio.

— Pois sim, conde: manda essa bruxa para a inquisição. E agora vamos a casa de Margarida, que a quero vêr, quero-lhe fallar.

— V. M. esquece-se de que a rainha minha senhora está esperando anciosa... — accudiu o conde.

— Quero que se faça a minha vontade — interrompeu El-rei com cólera.

Pondo então, sem mais dizer palavra, o joelho em terra para El-rei montar, e saltando depois n'um cavallo que alli tinha á mão um dos criados do paço, que accudira aos gritos de Sua Magestade, o conde partiu para Salvaterra com seu amo; ordenando aos da patrulha real, que estavam misturados com os outros creados, que conduzissem a velha Zaida ao carcere do palacio.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Archeologia christã. — Participam de Roma que o papa tinha creado uma commissão permanente, encarregada de reunir e conservar as antiguidades christãs existentes ou que se descobrirem. Compoem-se dos seguintes membros: presidente nato, o cardeal vigario; deputados, monsenhor Tippani, professor na universidade de Roma, monsenhor Masin, director da bibliotheca do Vaticano, o sr. Minardi, pintor, o padre Marchi, um dos mais illustres archeologos de Italia; secretario, o cavalheiro de Rossi.

A commissão resolveu em primeiro logar extrahir cópias das mais notaveis pinturas a fresco que ha nas catacumbas de Roma, que estão ameaçadas do estrago da humidade; e imprimir um periodico semanal em que dê conta circumstanciada dos trabalhos da commissão, pondo o publico ao corrente de tudo o que tiver relação com a archeologia christã.

Propoz mais a commissão ao soberano pontifice estabelecer-se em Roma um museu de antiguidades

christãs; e franquear-se ao publico em todos os domingos por espaço de duas horas a entrada nas celebres catacumbas de S. Calixto e St.ª Ignacia, onde ninguem era admittido sem permissão do governo. Sua santidade approvou ambas as propostas.

Novas canonisações. — O *Catholico* de Madrid descreve minuciosamente a ceremonia celebrada em 16 de fevereiro ultimo, em que Sua Santidade procedeu na solemne fórma costumada ás declarações preliminares para a beatificação e canonisação de João de Brito, portuguez de nação, sacerdote professo na Companhia de Jesus, e de Juan Grande, hespanhol, religioso professo na ordem de S. João de Deus.

Fundos inglezes. — No principio do anno de 1851 os consolidados estavam cotados a $96\frac{1}{2}$ sem o dividendo de janeiro, o que fazia um preço equivalente a 98, e deste foram proseguindo, com poucas e pouco importantes fluctuações, até o de $99\frac{1}{8}$, preço mais alto a que chegaram, e que mantinham em 2 de dezembro ultimo, com o dividendo a vencer proximamente em janeiro: o preço mais baixo que tiverem no decurso do anno foi $95\frac{3}{4}$.

Os preços dos mesmos consolidados no fim de dezembro de cada um dos ultimos cinco annos foram:

Em 1848	$85\frac{1}{2}$
» 1849	89
» 1850	$96\frac{1}{4}$
» 1851	$96\frac{1}{4}$
» 1852	$97\frac{1}{4}$

Continuava abundancia de dinheiro no mercado. A reducção do premio de desconto de 3 a $2\frac{1}{2}$ por cento, feita pelo banco de Inglaterra no principio de janeiro do corrente, influiu para fazer descer os premios fóra daquelle estabelecimento. Comtudo notava-se grande repugnancia em dar dinheiro a longos prazos, tanto da parte dos banqueiros como de todos os capitalistas.

Noticias theatraes. — Consta que o afamado escriptor dramatico, M. Eugéne Scribe, actualmente residente em Niza na Italia, escreve um *libretto* para o celebre *maestro* Verdi. Provavelmente este compositor quererá provar fortuna, como Rossini, Donizetti, e outros esclarecidos predecessores seus, no theatro da *Grande Opera* franceza.

As folhas de Londres annunciam o enlace matrimonial da cantora Jenny Lind com o pianista, Otto-Godsmicth, verificado no principio deste anno em Boston. Parece que por tal motivo o rouxinol do Norte se despedirá dos concertos que tão caros tem custado aos americanos.

No theatro *Carcano* de Milão executou-se *il Corsaro*, nova producção de Verdi, que obteve um verdadeiro triumpho. Esta opera foi julgada pelos entendedores como uma das melhores composições recentes, pois tem cinco ou seis peças de grande effeito, e uma instrumentação digna do celebre auctor de *Nabuco*.

No theatro real da Opera em Madrid tem sido muito applaudida a *Cenerentola*, seguir-se-ia a bem conhecida peça *Os Puritanos*, e devia ensaiar-se *Roberto do Diabo*.

No theatro italiano em Paris continuavam com feliz successo *Hernani* e *Fidelio*.

Contas de Washington. — Os anglo-americanos intitularam, *Monumento do patriotismo de Washington*, um livro cujo verdadeiro assumpto está expresso no segundo titulo: — « Contas de Washington com os Estados-Unidos desde junho de 1775 até o fim de junho de 1783, comprehendendo o espaço de oito annos. »

Estas contas são a reproducção autographa do memorial escripto pela propria mão de Washisgton, e por elle appresentado ao congresso no fim da guerra; escripturação mui regular por partidas dobradas, conforme os seus apontamentos e os de seus secretarios, de toda a receita e despeza, incluindo as menores miudezas, que fariam rir desdenhosamente certos denominados estadistas, mas que inspiram respeito a quem, tendo admirado a coragem e perseverança de Washington, folgam do contemplar a probidade deste homem illustre entre os demais titulos de sua gloria.

O congresso em 1775, tendo collocado á frente do exercito o general Washington, mandou abonar-lhe 500 dollars ou pesos duros mensalmente. Parece não ter Washington convertido em proveito seu esta addicção, nem ter feito distincção entre os seus vencimentos e as despezas geraes; escriptura tudo o que recebeu e dá conta de tudo o que recebeu e dá conta de tudo o que pagou, menos algumas quantias, cujo emprego, diz elle, eram tanto para seu uso particular que julgou não dever registal-as naquelle documento official.

Os Estados-Unidos fizeram desta simples exposição, reproduzida em *fac-simile*, um monumento nacional, e juntaram-lhe os documentos mais interessantes que tem relação com o commando militar e a administração civil do seu heroe, do seu estadista, brilhante carreira publica, que abrange oito annos de campanhas e oito annos de administração, nas duas eleições successivas, de 4 de maio de 1789 a 4 de maio de 1793, e desta ultima época até 4 de maio de 1797.

THEATRO DE D. FERNANDO.

(Companhia franceza.)

A 1.ª representação da companhia franceza chegada hoje a Lisboa terá logar no proximo sabbado 20 do corrente e o espectacnlo se annunciará por cartazes, jornaes e programmas. Estamos informados que a companhia nas suas partes essenciaes é a mesma que representou em Madrid. Previnem-se os srs. assignantes que a importancia das assignaturas será recebida em duas prestações, devendo a 1.ª verificar-se desde a publicação deste annuncio até ao proximo dia 20, ao meio dia; e a segunda depois das 1.as 25 representações: havendo falta a empreza poderá dispór do camarote.